

NUCLEO DE DRAMATURGIA

SESI Paraná

A Última Rosa* João Eduardo Lohse Corrêa
Fractal* Martina Sohn Fischer
Mente Esquizofrênica* Eduardo Rafael

coletânea de textos teatrais
núcleo de dramaturgia SESI PR
oficinas regulares de união da vitória 2010

Núcleo de Dramaturgia
Sesi/PR Teatro Guaíra

AÚltimaRosa

Juão Eduardo Lohse Corrêa

Fractal

Martina Sohn Fischer

MenteEsquizofrênica

Eduardo Rafael

Coletânea de Textos Teatrais

Núcleo de Dramaturgia Sesi/PR Teatro Guaíra

Oficinas Regulares de União da Vitória 2010

União da Vitória Paraná Brasil

SESI – Serviço Social da Indústria
Departamento Regional do Paraná

Presidente da FIEP
Edson Campgnolo

Diretor Superintendente SESI PR
Jose Antonio Fares

Os direitos de reprodução, de adaptação ou de tradução desta guia são reservados ao SESI - Departamento Regional do Paraná, inclusive a reprodução por procedimento mecânico ou eletrônico.

A última rosa. / Corrêa, João Eduardo Lohse. Fractal. / Fischer, Martina Sohn. / Mente esquizofrênica. / Rafael, Eduardo. – Curitiba : SESI/PR, 2012.
140 p. ; 20 cm. – (Núcleo de dramaturgia SESI Paraná).

ISBN 978-85-61425-67-8

1. Teatro (Literatura). 2. Teatro brasileiro. 3. Literatura paranaense.

I. Corrêa, João Eduardo Lohse. II. Fischer, Martina Sohn. III. Rafael, Eduardo. IV. Títulos.

CDU 792

Normalização: Pandita Marchioro

Direitos Reservados:
Sesi – Serviço Social da Indústria
Departamento Regional do Paraná
Av. Cândido de Abreu, 200
CEP 80.530-902 – Curitiba – Paraná
Tel. (41) 3271 9000

Sumário

Carta Diretor Superintendente SESI	05
Carta Secretário da Cultura e Turismo de União da Vitória	07
A Última Rosa João Eduardo Lohse Corrêa	09
Fractal Martina Sohn Fischer	51
Mente Esquizofrênica Eduardo Rafael	87

A solidez dos empreendimentos se confirma pela sua continuidade. A continuidade, por sua vez, manifesta-se em trabalhos exitosos. Esse é o panorama que se percebe quando dirigimos a vista ao Núcleo de Dramaturgia, projeto realizado em parceria com o Centro Cultural Teatro Guaíra e apoio do British Council, com coordenação do dramaturgo Marcos Damaceno.

A cada ano, um ávido e crescente número de participantes demonstra interesse em ingressar nesta iniciativa do Serviço Social da Indústria – SESI/PR e, por outro lado, os integrantes precedentes avançam seus trabalhos fortalecidos pela experiência dos anos anteriores.

Apenas em seu terceiro ano de existência, o Núcleo de Dramaturgia SESI Paraná soma diversas montagens dos textos produzidos, dentre os quais, alguns já premiados e, outros, apresentados fora do circuito da capital. Além disso, conta com o reconhecimento da crítica e da imprensa local e nacional que volta os olhos para as novas vozes que aqui surgem. Tem em seu currículo a expansão das oficinas para outras cidades do estado, propagando, ainda mais, o incentivo aos talentosos dramaturgos ainda desconhecidos.

No término dos trabalhos de 2010, mediante a aguda supervisão do diretor e autor Roberto Alvim, os dramaturgos integrantes do Núcleo submeteram seus textos à avaliação de uma curadoria externa, a qual selecionou 18 obras destacadas por sua singularidade e excelência dramática.

Que este projeto de apoio e incentivo à cultura brasileira se robusteça continuamente sem que se extinga seu frescor inicial de conduzir as artes cênicas além de nossas expectativas.

José Antonio Fares
Diretor Superintendente do SESI Paraná

No final de 2009, quando o então Coordenador do Núcleo de Dramaturgia do Sesi – PR, Marcos Damaceno apresentava em União da Vitória, durante o Festival de Teatro, sua peça teatral Árvores Abatidas, sabendo que o Núcleo de Dramaturgia em 2010, também se espalharia para algumas cidades do interior, manifestei o desejo de União da Vitória também ser incluída em tal roteiro.

No início de 2010, fui, oficialmente, visitar em Curitiba, a Coordenadora de Cultura do Sesi – PR, Anna Paula Zétola e manifestei, também em caráter oficial, o desejo em sediar o Núcleo de Dramaturgia.

Anna Paula Zétola, mulher das artes e extremamente receptiva, foi sensibilizada por minha solicitação e disse que se a Fundação Municipal de Cultura de União da Vitória fosse parceira na empreitada, a cidade receberia as oficinas. Agradei de forma entusiástica o apoio de Anna e firmamos ali mesmo a parceria que dias depois seria sacramentada.

Numa tarde de março de 2010, recebi na Fundação de Cultura, a visita de Anna Zétola e sua comitiva, e, em seguida fomos ao gabinete do prefeito, Carlos Alberto Jung, e o acordo foi oficializado, com o início das oficinas sendo marcado já para o final daquele mês.

O Núcleo de Dramaturgia teve continuidade em 2011, o mesmo acontecendo neste ano de 2012.

Desde o ano de 2011, iniciamos conversações com Anna Zétola para publicarmos as obras criadas pelos integrantes das oficinas de 2010. A conversa foi amadurecendo e em março deste ano em uma reunião em Ponta Grossa, com o Representante de Cultura da Região Campos Gerais do Sesi – PR, Juliano Axt, efetivamente demos forma ao recíproco desejo da publicação dos textos, que seriam submetidos, logo em seguida, a uma curadoria do próprio Sesi - PR, que selecionaria para a publicação, três textos dos participantes do Núcleo de Dramaturgia de 2010.

Chegou o grande momento e na VI Feira Municipal do Livro de União da Vitória, realizada em setembro de 2012, essa profícua e diria antológica parceria entre a Prefeitura Municipal de União da Vitória, por meio de sua Fundação de Cultura, com o Sesi – PR, culminou na publicação do livro, tratando-se esta da primeira publicação literária, da Fundação de Cultura de União da Vitória.

Agradeço aos dirigentes do Sesi – PR que confiaram no potencial artístico de União da Vitória. Agradeço àqueles que ministraram as oficinas, em 2010, Paulo Zwolinski, em 2011, Cynthia Becker e em 2012, Marcelo Bourscheid.

Agradeço de forma especial a Ana Paula Zétola, por ter apostado em União da Vitória, a Marcos Damaceno, e a esse extraordinário dramaturgo Roberto Alvin, hoje Coordenador do Núcleo no Paraná e que do alto de sua enciclopédica cultura, deixou seus afazeres de um dos maiores dramaturgos brasileiros, para vir proferir uma monumental fala aqui em União da Vitória. Agradeço também de forma especial ao gerente do Sesi de União da Vitória, Ezimar Santos, pelo crédito depositado nesta Fundação de Cultura e que resultou em várias e profícuas parcerias.

Agradeço a todos os que ao longo destes três anos participaram das oficinas do Núcleo de Dramaturgia, em especial a estes três jovens talentos que ora emprestam seu brilho na composição deste livro e que são Martina Fischer, Eduardo Wogiski e João Eduardo Côrrea.

Agradeço à minha equipe da Fundação, que me acompanhou e acompanha neste árduo, mas prazeroso fazer cultural e ao prefeito de União da Vitória, Carlos Alberto Jung, pela confiança.

Que esta publicação seja o marco inicial de muitas ainda por vir e que com ela União da Vitória, quem sabe possa ter dramaturgos reconhecidos, nacionalmente, por seu talento.

Delbrai Augusto Sá

AÚltimaRosa

Juão Eduardo Lohse Corrêa

Cena 1 | Homem e mulher

Mulher: Lindas seringas.

Homem: Elas fazem furos.
Furam a pele
Penetram nas veias.

Mulher: Com suas agulhas afiadas.

Homem: Extremamente afiadas.

Mulher: Elas podem fazer um grande estrago.

Mulher: Sei como elas podem acabar.

Homem: Elas quem?

Mulher: As pessoas.

Homem: Como?

Mulher: Elas fazem grandes estragos.

Homem: Grandes estragos.

Mulher: Elas são tão frágeis.

(homem observa foto de uma criança)

Homem: É estranho olhar em seus olhos.

Eles me seguem.

Você lembra quando me conheceu?

Mulher: Você estava tirando fotos.

Homem: Foram várias.
Suas.

Mulher: Você se apaixonou...

Homem: À primeira vista.

Homem: Você viu os exames?

Mulher: Sim, ela está pior.

Homem: Eu sonhei que ela estava curada.
Mas quando eu abro os olhos ainda estou nesse pesadelo.

Mulher: Sonhos foram feitos para serem sonhados.
E pesadelos para serem vividos.

Homem: Existe alguma chance?

Mulher: Existem nossas esperanças.

Cena 2 | Homem e Menina

Homem: Você gosta de flores?

Menina: Sim, de rosas.

Homem: Sua mãe lhe mandou uma.

Menina: Gosto de Rosas.

Homem: Então serão rosas.

Cena 3 | Homem e mulher

Homem: Ouço os gemidos das minhas lembranças,
me arrasto na meia luz das memórias,
como uma alma penada,
no limbo dos meus sonhos velados.

Mulher: Aos poucos se esvai o meu espírito,
meus dias se extinguem.
Quero minha sepultura.

Homem: Ela pode sobreviver.

Mulher: Sobreviver?

Homem: Ontem ela estava sorridente.

Mulher: Eu a ajudei a pentear os cabelos

Homem: Macios, escuros, enrolados.

Mulher: Minha princesa!

Homem: Nossa princesa!

Mulher: Passei a escova suave,
Muito suave,
Mas não adiantou.

Seu cabelo continua caindo.

Homem: Você já tentou prendê-los?

Mulher: Prendê-los?
Nunca tentei.

Homem: Talvez resolva.

Mulher: Eu preferiria ver ela com piolhos.

Homem: Não seria bom ver ela toda arrumadinha e com piolhos?

Mulher: Ela vai estar gelada.

Homem: O que os parentes pensariam?

Mulher: Isso seria problema deles.

Homem: Você sabe o preço de caixões?

Homem: Ela é nossa filha, lembra?

Mulher: Lembrar?

Homem: Lembranças...

Mulher: O que os parentes pensariam!?

Homem: Ela não precisa de parentes...

Mulher: Minha mãe gostaria de vê-la...

Homem: Sua mãe não sabe o que diz.

Mulher: Minha mãe está morta.

Cena 4 | Homem e Mulher

Homem: Você tomou seus remédios?

Mulher: Sim, eu gosto dos Azuis.

Homem: Azul é uma cor bonita.

Mulher: Eu tomo muito
os azuis.

Mulher: Eu fiz um desenho.

Homem: É mesmo?

(mulher mostra o braço furado com seringa)

Mulher: É pra você.

Homem: Isso mata.

Mulher: Me ajuda a passar o tempo

Mulher: Quero vodka!

Homem: Você não pode beber, esta se tratando...

Mulher: Quero vodka!

Homem: Quer um cigarro?

Mulher: Claro!

(pausa)

Homem: Você pode me ouvir?

É evidente que não,
Somente nos bons dias estive em seu coração.

Somente

Nos

Dias

Bons.

Cena 5 | Homem e Mulher

Homem: Quando nossos sonhos se acabam,
fica um vazio imenso,
Uma vontade de desistir de tudo.
De tudo.

Mulher: É um período difícil em que os dias,
as horas e até os segundos são longos.
São longos.

Homem: Falta vontade.

Mulher: Falta motivação.

Homem: Nos fechamos para tudo e para todos,
como se nada importasse,
nada tivesse valor.

Mulher: Vamos nos destruindo pouco a pouco.

Homem: Porque será que muitas coisas que amamos chegam ao fim?

Acreditamos na felicidade eterna e muitas vezes,
ela não passa de um pequeno tempo.
Tempo suficiente para deixar uma saudade infinita.
Infinita.
Saudade.

(mulher suicida-se)

Cena 6 | Senhora e Senhor

Senhora: Às vezes era como se não houvesse sentimento.
Era como se eu fosse algo inerte.
Tento encontrar motivos.
Um final feliz.

Senhor: Mas seria justo um final feliz, quando todo o resto foi triste?

Senhora: Seria justo se esse sentimento dominasse apenas a mim?

Senhor: Que sentimento?

Senhora: Raiva.

Senhora: Ela poderia ter lutado.

Senhor: Ela não aguentaria ver a filha morta.

Senhora: E a filha aguentará ver a mãe morta?

Senhor: Tomara que sim!

Senhora: Acredito que não.

Senhor: E nosso filho, como vai ficar?

Senhora: Acabado!

Senhor: Definitivamente, acabado!

Cena 7 | Homem e Senhor

Delírios

Homem:

Estou morrendo.
Eles vêm de todos os lados.
Estão me matando.
Animais Miseráveis!

Gritando.
Atacando como lobos esfomeados
Lobos.
Esfomeados.

Sou sua presa.

Parece não haver mais nada a fazer.
Parece não haver para onde correr.

Na verdade estou cansado de correr.
De fugir.
Cansei de tudo.
Estão todos mortos.

Todos.
Mortos.

(Senhor entra)

Senhor: Você foi ao velório?

Homem: Não entrei, fiquei em frente.

Senhor: Você está bem?

Homem: Entrei no banheiro e ela estava deitada dentro da banheira.

Nua.
Ensanguentada.
Quentinha.

Como se tivesse saído de um banho.
Um banho de sangue.

Ela respirava, estava com um leve sorriso liberto.

Silêncio

Senhor: Eu te amei.

Homem: Chega, é tarde para conversarmos.

Senhor: Senti algo tocar meus lábios...

Homem: Chega, Laura.

Senhor: A banheira estava fria...
Senti uma dor horrível,
Que de repente se tornou num êxtase total.
Me senti muito leve.

Ainda não entendo o que houve.

Homem: Tente recordar.

Senhor: Sinto uma dor em meus pulsos.
Estão cortados.

Homem: Por que fez isso comigo?

Senhor: A dor é terrível!

Senhor: Tento recordar o que houve...

Homem: Você morreu.

Senhor: Mas ela está morrendo.
Não fui forte, eu não aguentaria perdê-la.

Cortei meus pulsos.
Cortei meus pulsos.

Senhor: Como ela está?

Homem: Extremamente triste.

Senhor: Ela é nova.

Deu a ela os remédios?

Homem: Os enfermeiros cuidam disso.
E Você como está?

Senhor: Fria.

Homem: Eu a levei no cabelereiro.
Ela queria raspar a cabeça.

Senhor: Ela está perdendo os cabelos.
Macios.
Pretos
Enrolados.

Homem: Perdeu o Brilho.

Senhor: Eu também perdi.

Homem: Eu preciso de você aqui comigo.

Senhor: Estou com você.

Homem: Estou com câncer.

Homem: De alma.

Silêncio

Homem: Sinto saudades dela, pai.

Senhor: Também sinto.

Cena 8 | Senhora e Menina

Senhora: “Eu deito em todos os olhos
De corações apodrecidos,
Enquanto o vejo correr,
Pequeno coelho branco.
Tiros em seu relógio
Sangue no seu pelo claro
O nexo esquecido
Basta um encontro
E todo o mal será corrigido.”

Menina: Morrer dói, vovó?

Senhora: “Sou o agradecimento.
Um coringa, uma ovelha negra
Nos passos de Peter Pan
Aliviado pelo sobrenome
De um indigente morto:
Não te conheci, papai,
Mas serei jovem para sempre
Como uma máscara.
Minha feição transparecerá meu coração,
Para sempre na terra do Nunca.”

Senhora: Morrer às vezes dói.

Menina: Minha morte vai doer?

Senhora: Vai doer em mim.

Menina: Que cor tem a morte?

Senhora: É escura.

Menina: Não quero escuro.

Senhora: Que cor você quer?

Menina: Quero branco.

Senhora: Então será branco.

Senhora: Depois de um tempo você aprende.

Menina: O quê?

Senhora: FICAR NO ESCURO.

Cena 9 | Homem e senhor

Homem: Sangue Fraco

Uma criança iludida, Iludida pela vida
Gripe, sarampo Rubéola desidratação e vômitos
Aos 5, anemia profunda. Continuava linda, um pouco frágil,
foi muita amada. Pesa-me na alma
o seu sofrimento e dor
Vejo a desgraça que se alimentou dela sem pudor
Devorou seu olhar triste de criança
Não teve esperança dum futuro melhor.

Senhor: Esgravatando as unhas

Enquanto elas caem
Afastam o medo
o corpo falha
ainda é ela.
Ela ainda é.

Homem: Sem cura

Senhor: Um monte de ossos e carne

Um poço de sangue inquinado
Duas pernas
Dois braços
coração gelado

Sua cabeça nua
Amadurece os meios

Medos, receios

MEDO

Homem: Enquanto a pele cai
armaduras crescem
Ela
Endurece
Permanece

Senhor: Sem Vida
Homem: Sem Vida

Senhor: Causa da morte?

Homem: Leucemia

Senhor: Pobre criança. está Morta.

Cena 10 | Senhora e Homem

Senhora: Morte?

Completa vida.

Dor que nos cerca.
Que nos corrompe.

Tortura sem fim.

Alma seca.
Corpo sem vida.

Vida?
Navalha cega.

Te corta milhares de vezes.
sem pensar.

As brisas do inverno não vão mais voltar

(entra homem)

Homem: Você foi ao velório?

Senhora: Fui, mas não eu não quis vê-la.

Homem: Ela estava linda.

Senhora: Cor branca.
Rosas vermelhas.

Homem: Ela gostava.

Silêncio

Senhora: Eu senti frio, mamãe.

Homem: Eu também senti, minha filha.

Senhora: Você disse que estaria lá.

Homem: Morrer é difícil,
Mas eu estava do seu lado.

Senhora: A cada segundo que passava,
Eu sentia as batidas do seu coração
Eu sabia que você estava morrendo.

Seu egoísmo não deixava eu ajudá-la,
agora não deixa eu ajudar a salvá-la.

Homem: Não temos os mesmos destinos.

Senhora: Você não devia ter se matado.

Homem: Você é o meu pequeno anjo.

Senhora: Vou me lembrar de você
Das noites que sonhei com você.

Das noites que você não estava comigo
Não estava comigo e eu chorava.

Desesperadamente.
Por querer você do meu lado.

Não sei se vou conseguir te perdoar, mamãe.

Homem: A tua morte era inevitável.
Mas eu sempre te amei.

Eu sabia daquela rosa.

Lembra da rosa?

A que você jogou enquanto eu passava.

Agora sem respirar,
Sinto seu sangue no meu rosto
Ele lava a minha alma a todo instante.

Senhora: É o preço que você tem a pagar.

Homem: Pelo quê?

Senhora: Por ter se matado.

Homem: Por se fraca.

Silêncio

Homem: Eu sinto saudades, Mãe.

Senhora: Eu também sinto, meu filho.

(Homem sai)

Senhora: Morte
Fim da vida

Fim do amor
Fim dos laços
Fim dos fins

Agora Não haverá dor
Não haverá Infelicidade
Pois
Não haverá mais sonhos

Só haverá um novo começo

Uma nova chance

Mas não para nós
Não para lembranças

Só para os mortos

E os que vivem, esses estão perdidos.

Fim.



João Eduardo Lohse Corrêa nasceu em Porto União-SC no dia 1 de novembro de 1992. Estudou no Colégio Estadual Túlio de França de União da Vitória. Envolvido com artes cênicas e apresentações artísticas, desenvolveu peças e monólogos. Em 2010 entrou na Companhia de Teatro Estação de União da Vitória-PR, interpretou alguns personagens como Walter em “O Terno” e Escrooge no musical “Escrooge” entre outros. Também faz parte da Oficina Regular Núcleo de Dramaturgia SESI Paraná onde escreveu a peça “A Última Rosa” em 2010.

Em 2011 Passou a coordenar a Companhia de Teatro Estação dirigindo espetáculos como “Os Saltimbancos” de Chico Buarque, “O mundo de Jack” uma adaptação do conto de natal de Tim Burton e desenvolveu outros trabalhos. Nesse mesmo ano escreveu a peça “Circus”, também no Núcleo de Dramaturgia.

João Eduardo continua dirigindo, interpretando e escrevendo peças, sempre atualizado ao teatro contemporâneo, nas tendências culturais e atuando com personalidade e dedicação.

Fractal

Martina Sohn Fischer

Personagens:

Mãe

Pai

Filha

Homem embriagado

Alguém

Prólogo

Tum Tum Tum
Suorsuor

Tímpanos estourando
Ritmo entranhando nas entranhas

Estranho é não saber se o fim é o começo

É só que sabemos tão pouco da eternidade
É só que sabemos tão pouco de tudo
O fim é o fim
E o fim
É o começo

Cena 1

Mãe :

Abri a porta do guarda-roupa
Abri a porta que raramente abria
Abri a porta e aquele cheiro de naftalina congelou meus olhos
Inchados
Cansados
Fechados

Encarei aquelas roupas antigas
Cheias de pó
Cheias de mofo
Fechei os olhos

Respirei
Respirei toda aquela poeira
Toda aquela nafta
Respirei
Tirei o vestido
Preto
Tirei o vestido preto do cabide
Deitei o vestido preto na cama intocada
Na cama de pessoa insone
Na cama limpa e arrumada
De pessoa insone

Que vestido terrível, pensei
Velho e terrível
Mas o único vestido preto do guarda-roupa

(pausa)

O vestido preto cobrindo meu corpo
Meu corpo cheirando a nafta
Meu corpo cansado
Inchado
Insone
Com o vestido preto caminhei
Caminhei até onde tinha que caminhar
Com aquele vestido terrível
Preto
Eu suava
Frio
Suava frio
Suava

(longa pausa)

Suada
Cansada
Inchada
Insone
Eu encarei as flores falsas as pessoas tortas
E no centro de tudo
Encarei aquele rosto gelado as mãos entrelaçadas os pés
cobertos de flores
Flores brancas como as mãos
Brancas
As mãos que minhas mãos agora tocavam
Minhas mãos vivas segurando mãos geladas mãos mortas
mãos entrelaçadas
Brancas
Ali onde ela repousava era um caixote simples de madeira
esculpida envernizada cor escura Provavelmente de tamanho
médio preço médio conforto médio mas de que adianta agora
não Consigo ver os desenhos esculpidos no caixote de
madeira simples
Verniz e madeira

Simples
Será enterrado
Lacrado
Esquecido
Corroído pelo tempo
Cupins
Vermes

E o túmulo de mármore caro gelado resistirá ao tempo aos
vermes
Ao tempo
E o túmulo será vermelho vivo
Vermelho
Vivo
Protegendo o que apodrece por dentro
Lá dentro
No caixote
Tão simples
E penetrável

Que dor
Dor
Dói
Aqui
Bem aqui
Debaixo desse vestido terrível
Preto sujo de nafta
Sujo do tempo

Poderia ter ficado naquele lugar do armário que eu raramente
abria
Naquela portinha inútil com roupas cheias de naftalina
Que eu raramente usava
Por mim o tempo foderia ele inteiro
Mas não deu tempo do tempo foder com o vestido
O tempo adiantou-se

E me obrigou a vestir o vestido preto
O tempo adiantou-se
E a filha adiantou-se da mãe
Mãe e tempo ficaram olhando a filha foder com a ordem das
coisas
Mãe vestindo o vestido preto meio fodido antes do tempo
Olhando a filha foder com a ordem de tudo

Quando vesti o vestido preto vesti a desordem junto
Mãe veste vestido preto meio fodido e vê a filha morta

D e s o r d e m

Cena 2

Filha: Minha corrente de prata
Tem gosto de Sangue

Homem embriagado: O que foi que você falou?

Filha: Minha corrente de prata
Essa corrente
(tira a corrente do pescoço e mostra ao Homem embriagado)
Tá com gosto de Sangue
Sangue

Homem embriagado:
Deixa eu ver
(Pega a corrente da mão da Filha, lambe a corrente lentamente depois chupa)

*(Filha encara o Homem embriagado
Filha espera)*

Homem embriagado:
Tem gosto de perfume
O teu perfume
Você passa perfume demais
(Diz lambendo a corrente)
Delícia de perfume

Filha: Que porra de perfume
Tu é louco
É sangue

Homem embriagado:

Delícia de sangue
Que seja
Você deveria ir
Pra casa *(devolve a corrente para a Filha)*

Filha: Eu sempre fico até mais tarde
Ainda é cedo
Não vou
(Veste a corrente)

Homem Embriagado:
Eu vou continuar
Bebendo

Filha: Me dá um pouco do que tu tá
Bebendo

Homem embriagado:
Eu vou continuar bebendo
Fingindo
Que você foi embora
Vou continuar
Bebendo
Fingindo

*(Filha abre a geladeira
Geladeira cheia de bebidas
Nenhuma comida
Ela escolhe a cerveja)*

Cena 3

Pai:

Achei o túmulo bonito
Vermelho Vivo
Ela iria gostar

Mãe:

Ela gostava muito
De vermelho
Vivo
Viva

Pai: Ficou bonito

Mãe: Você já disse isso

Pai: Disse que

Mãe:

Que nossa filha
Tá morta

Pai: Isso você também

Já sabe

Mãe: Quero ouvir de você

Pai: Nossa filha tá morta

(Silêncio)

Mãe: Agora fale o porquê

(Pausa)

Fale

Pai: Como se

Eu soubesse

Mãe: Não gosto do jeito que as pessoas
Tentam
Adivinhar os motivos
Na minha frente

Pai: Você pergunta
Pra todo mundo
Todo
Mundo
Pergunta
Você pergunta

Mãe: Eu sou
A Mãe

Pai:
Pai

(Mãe e Pai falam ao mesmo tempo)
: Filha

Cena 4

Alguém: Você comeu ela?

Homem embriagado:
Quem?

Alguém: A menina
A menina que se matou

(Silêncio)

Homem embriagado:
Comi

(Pausa)

Alguém: Foda de fim de semana?

Homem embriagado: É

Alguém: Você sabe
Por que ela fez isso?

Homem embriagado: Não

Alguém: Deveria saber

Homem embriagado: Eu não
Sei

Alguém: Era só uma foda então
De fim de semana mesmo

Homem embriagado: Uma boa
Foda de fim de semana

(Pausa, Homem embriagado levanta, respiração ofegante, sutil)

Alguém: Quantos anos ela tinha afinal?

Homem embriagado:
Eu não sei

Alguém: Puta merda!
Tu nem conhecia
A menina
Só comia.

(Silêncio, Homem embriagado se senta)

Homem embriagado: A gente conversava
Mas era diferente
Não sobre coisas triviais
Diferentes

Alguém: E o nome
Dela?

Homem embriagado:
Ela mentia

Cena 5

Mãe:

Imagino o veneno
 Descendo pela garganta
Apertando as entranhas
Queimando as veias
 Matando
Matando aos
Poucos
Quase comicamente

Uma
 Piada
De dor

Dor

Dói

Cena 6

Homem embriagado:

Ela tinha um cheiro
De mulher
Como todas as outras
Sempre
Diferente
De todas as
Outras

Mãos apertando nuca quadril seios mãos puxando cabelos
lençóis mãos tocando lábios corpos
Suando medo

Cena 7

Pai:

Os banheiros da casa são feitos de concreto

O resto de madeira

Podre

Concreto e mofo

Cupim e madeira

Podrepodrepodre

Eu

Sou

Podre

Apodrecer

Com

Mofo. Cupim.

Madeira. Concreto.

Cena 8

Mãe: Você não sabia de nada

Pai: Você não sabia de nada

Mãe: Ela sentia a dor

Pai: Do mundo

Mãe: E não só

Pai: A dela

(Longa pausa)

Pai: Esmacendo

Aos poucos

Mãe: Até ficar vazia

Pai: Cheia demais

Cheia de tudo

Mãe: Se apegava aos detalhes

Pai: detalhes

Mãe: Pessoas

Pai: Não a mim

Mãe: Não diga isso

Pai: E nem a ti

Mãe: Não diga isso

(Pausa)

Mãe: Eu quis me aproximar

Pai: Muito

Mãe: Eu não sabia

De

Nada

Pai:

Nada

(Mãe e pai se abraçam)

Cena 9

Filha:

Cheiro de c h u v a na calçada
Quente

Empoeirada

Coisas antigas

Cheiro de páginas
Envelhecidas

O salgado da pele
S u a d a
Corpo cansado

(Pausa)

Da vida ao veneno
Do veneno à morte
Da morte
Ao veneno
Do veneno
À v i d a

Cena 10

Homem embriagado: Foi semana passada
A última vez que nos vimos
Foi semana passada

Alguém: por que tá me contando isso?

Homem embriagado: Por que preciso contar
Pra alguém

Alguém: Contar que

Homem embriagado: Ela era mais
Mais do que uma foda de fim de semana

(Longa pausa)

Alguém: Ela tá morta

Homem embriagado: Eu estive com ela
Foi semana passada
Foi a última vez

Alguém: ela tá morta

Homem embriagado: A gente transou
Ela não falou quase nada
Chorou
E foi embora

Alguém: Tu achou que era coisa de menina

Homem embriagado: Ela era mais

Mais do que nós eu ela nós poderíamos suportar
Ela estava inundada de coisas
Coisas demais
Pra mim era mais
Eu ela nós

Ela tá morta
(*Homem embriagado ri*)

(*Pausa*)

Homem embriagado: Podia ser coisa de menina
O choro

(*Pausa longa*)

Alguém: Você vai hoje?

Homem embriagado: Onde?

Alguém: No velório

Homem embriagado:
Quero ficar com a imagem dela de semana passada

Alguém: Chorando

Homem embriagado:
Chorando e dizendo adeus
Com ar nos pulmões

Cena 11

(Mãe fala com Pai ausente)

Mãe:

Hoje eu fui naquele restaurante
Sentei sozinha
Sozinha no seu restaurante preferido
Comi a comida que você mais gosta
Tomei a melhor cerveja que eles tinham
Aquele que você gosta
Paguei em dinheiro
O meu dinheiro
Fui embora de ônibus
No ônibus cheio de pessoas sozinhas
Entre todas elas
Eu
Não parecia tão sozinha

Na cama fria e limpa
Eu deitei
Sozinha

Gostava quando ela era quente
E
Suja
Suja de você
De mim
Juntos

Cena 12

Filha:

Eu tava deitada e comecei a sentir as minhas duas pernas sendo

Uma só

Logo elas voltaram

Sendo duas

Fiquei puta

Homem embriagado:

Meu rosto derrete, escorre derretendo-se

Como uma máscara de cera, ele derrete entre meus dedos que tentam segurá-lo

Ele derrete

Entre meus dedos que queimam, ele derrete e escorre até meus pés

Meus pés pisam no meu rosto derretido, agora desfigurado

Meu rosto de cera

Agora desfigurado

Filha:

O eco do mundo

O eco infinito desse mundo de merda

Aquele barulho agudo que perfura seus ouvidos tarde da noite

Esse é o eco de tudo

O eco da merda toda ecoando dentro da sua cabeça

São as pessoas

Pessoas que esquecemos de conhecer

Esse ruído afogando todo o mundo

O ranger dos ossos

Queimamos casas

Queimamos o lembrar
Lembrar de conhecer pessoas
Esquecendo de tudo

Estáticos
Táticos
Práticos

(Pausa)

O mato cresce na frente do portão
Ninguém entra
Ninguém sai
Alguém vê
Ninguém faz nada
O mato cresce amargamente na frente do portão

(Pausa)

Essa família
Que não é mais tão
Minha

E o mato cresce neles
Ninguém entra
Ninguém sai

Uma família que não é mais
Minha

(Silêncio)

Homem embriagado: Sinto cheiro de coisas que não estão aqui

Filha: Eu tô aqui

Homem embriagado: Não sinto o seu cheiro

Filha: Eu tô aqui

(Homem embriagado toca o rosto da Filha, segura seus pulsos, aperta sua garganta, beija seus olhos)

Homem embriagado: Você tá aqui

Cena 13

Pai:

Eu sempre achei que as plantas respirassem fundo de alívio
quando as frescas chuvas de verão umedeciam seus sulcos,
sua terra, raízes, sementes

Eu sempre achei que as chuvas de verão lavassem o
suor ardido, salgado, maldito, maldito Malditos dos árduos
trabalhadores e suas mulheres, filhos, amantes, amores,
dores

O que é que você pensa de mim?
(*Pausa*)

O que é que pensam de mim?
(*Pausa longa*)

O que é que eu penso de mim?
(*Pausa*)

Nada
Nada
Nada

Só chuva.
Chove
Chove
Chove

Roupas no varal
secando
vidas

Cena 14

Homem embriagado: Eu nunca quis te machucar

(Pausa)

Homem embriagado: Eu nunca quis

(Filha abraça o Homem embriagado e aperta suas costas nuas, com as unhas faz sangrar)

Filha: Eu nunca quis te machucar

(Homem embriagado beija suavemente os lábios da Filha, morde-os, com os dentes faz sangrar)

Homem embriagado: Eu te amo, minha menina

(Pausa)

(das costas do Homem embriagado o sangue escorre. Dos lábios da Filha o sangue escorre)

Filha: A gente ama e sangra

Sangra e Ama

Amar é sangrar pelo outro, por nós mesmos

Amor é sangue e escorre da gente

Cena 15

(Filha fala pra Mãe)

Filha:

Tenho vontade de falar coisas sujas Realmente sujas
Você não agüentaria ouvir saberia que essas coisas sujas
são a respeito de mim de você do seu pai sua mãe Sua mãe
Você Coisas sujas sobre a porra do mundo inteiro E você não
aguentaria ouvir Seus ouvidos iriam sangrar Sujos Seus olhos
iriam se fechar Você iria fugir das minhas palavras sujas das
coisas sujas Da nossa verdade Da nossa sujeira Oceanos
de sujeira boiando você está mergulhando na sujeira sem
respirar afundando e fugindo fugindo do real Do sujo

Estamos nos afogando na sujeira
Estamos nos afogando na merda
Na própria merda

Merda

Cena 16

Filha:

Calor

Calor Coloco minhas mãos sobre o meu estômago Aperto
minhas mãos contra meu estômago Sinto calor Minha pele
esquenta com o ritmo dos órgãos , do meu sangue, quente e
vermelho Órgãos vivos, me fazem viva Aperto minhas mãos
contra meus olhos Eles estão úmidos e gelados Eles sentem
o medo que vem de dentro, sou transparente, consigo ver o
lado de dentro Não consigo me ver no espelho

Quem sou eu?

Sou pele sangue carne
Sou um animal
Pensamos mais
mas nem tanto assim

Quem sou eu?

Sou pele sangue carne
Sou um animal

Deixe eu beber o veneno que a vida me dá
Deixe eu morrer, todos os dias De novo e de novo
bebendo o veneno que a vida me dá
Todos os dias

De novo e de novo

Sou você

Sou Eu

Quem somos nós?

Somos deus

(Pausa)

Um deus hipócrita

Feito de

pele

Sangue

Carne

Um animal

Sou deus?

Deuses

Entre o nada e merda nenhuma

Ficamos então

Estáticos

Táticos

Práticos

Cena 17

(Filha arranca as entranhas para o Homem embriagado)

Eu queria sentir o gosto do efêmero
Da sua boca
O teu cheiro
Na minha pele
O teu corpo
Dentro do meu

Beber da sua saliva
Encha-me de você
Encher-me com você

Tuas palavras fazem pouco
Para mim
Para ti
O silêncio
E o gozo
Da vida
Nossa vida
Vida

Minha vida
Já não é mais tão minha
É sua
É nossa
Vida

(pausa longa)

(Filha guarda as entranhas para si)

é a água que mata a minha sede

(Pausa)

Sinto aquela fome que dá e não passa
Quando meu próprio corpo começa a me devorar, de dentro
pra fora

A fome não passa

A sede não passa

A vida não passa

eu morro de dentro pra fora

De ponta cabeça

Pelas paredes meu suor escorre

Meus pulsos ardem em desespero

A fome não passa

Minhas entranhas devoram umas as outras

A fome não passa Eu sinto A fome não passa

Mastigando meus dedos

sinto os dentes raspando nos ossos

dedos caindo

A fome não passa

Cena 18

Homem embriagado:

Enterrar-se e comer as minhocas

Foda-se

Viver é lamber seus pés com a sujeira que ele carrega

Viver é nada mais do que arrancar as pálpebras

E deixar a luz cegar

Não seríamos nada sem os porcos e as pérolas

O que você espera de nós?

Nós nós nós

Tu sentes a amarga dor de nós?

Somos aquilo que desejos não deixam ser

E é tão belo

E é tão sujo

E é tão

Eu

Tão

Você

nós

Aperte meus pulmões

Aperte

Minhas unhas já não crescem mais

Meu corpo escorre um líquido chamado vida

E agora

Os vermes devoram minha comida

Os vermes devoram meu rosto

Os vermes devoram tudo

E nascem disso

Mais vermes
Sou um ser que veio
Que foi
Que vai
Acabar aqui

Cena 19

Filha:

Liguei o som
Escovei os dentes várias vezes
Tomei o banho mais quente de todos
Depois
Tomei o banho mais frio de todos
Ouvindo aquelas batidas marcadas
Pá pá pá pá pá pá pá pá
A voz chapada
Tum Tum Tum
Esse era meu coração
Dançando dançando dançando

Joy division enchia meu corpo nu de batidas e cordas e vozes
e ritmos e sustos e batidas e notas e ordenadas e palavras e
cordas e me enchia de todos os lados e do banheiro suado e
meu corpo cansado e eu dançava e o som e batidas e vozes
e cordas e ritmos e eu dançava e eu suave e eu cansava e eu
ria e eles tocavam e eles tocavam pra mim
tocavam
Pra mim

Tum Tum Tum
Pá pá pá pá pá pá pá pá

E a música acabou

A música chegou ao fim

Ao
fim

pá
tum
pá
tum

pá
tum
pá
tum
pá
tum
pá
tum

pá

tum

Tum

TUM

(dead souls – joy division)

Epílogo

Filha:

Eu tô aqui

O vazio aos poucos sumindo
O primeiro passo
As primeiras linhas sendo escritas
Esse ar limpo aos poucos sendo poluído

Você tá aí

Me esperando
Esperando tudo começar
O vazio também está sumindo aos poucos pra você
Pra mim
Juntos estamos
Esperando
O início de tudo
Outra vez

Homem embriagado:

Eu tô aqui

Tenho um copo de bebida preso nos meus dedos
Nos meus anseios
Esse vazio que já não é tão vazio

Você tá aí

Me esperando
Outra vez
Para começar tudo de novo
Do fim ao início

E você me espera
E você se aproxima
Agora

Passos lentos
apagando o vazio
Entre nós
Você chega mais perto
Quebrando o vazio
Entre nós
Marcando o fim e o início
De nós
Agora

(Pausa longa)

Mãe:

Me deixaram lá
Naquela espera

Fiquei esperando

Ainda olhando para trás
Esperando
A vida voltar e me tirar de lá

Ninguém me tirou daquela espera

Eu sento
E espero
Há tempos
Estou lá
Nem sei mais onde essa espera começa ou termina

Vou ficar lá

Esperando a vida voltar
A filha voltar
O pai voltar
A mãe voltar

tudo voltar
Voltando a ser como antes

(Longa pausa)

Pai:

Eu estou aqui
Deixei ela lá
E continuei

Um pé depois do outro
Como me ensinaram
E eu caminhei
Por tempos e tempos
Por desertos e desertos
Caminhei
Um pé depois do outro
Com toda a paciência
Que me ensinaram

Eu deixei ela lá
E caminhei
E o tempo passou
E os desertos passaram
E eu estou aqui

Caminhando
Deixando ela
Cada vez mais longe
Assim como a outra
Que caminhou para longe de mim

Me deixando caminhar sozinho

Sem fechar meus olhos

Deixando a chuva ácida corroer minha pele

Caminhando para longe

Delas

Cada vez mais longe

delas



Martina Sohn Fischer, nascida em União da Vitória, Paraná - Brasil, em 17 de junho de 1993, teve seu primeiro contato com o Núcleo de Dramaturgia no ano de 2010, por iniciativa de Delbrai Augusto Sá que levou o projeto do Sesi para a fundação de cultura de União da Vitória, que foi ministrado por Paulo Zwolinski. No ano seguinte mudou-se para Curitiba com o objetivo de dar continuidade ao seu estudo dramático, desta vez orientado por Roberto Alvim. Durante este período escreveu cinco peças: "Fractal", "A casa de inverno", "Estouros báquicos e gengivas", "Buco" e "Aqui".

MenteEsquizofrênica

Eduardo Rafael

Personagens

Matheus

André

Marcos

Alfredo

Alfredo off

Cena1

Esquizofrenia. Dentro de uma sala, correntes da doença mental na porta do cérebro. Fobia social pelo chão em um tom de humilhação. Cadáver aberto do queixo ao umbigo pendurado numa forca feita de cordão umbilical, ao lado oposto da porta do cérebro, cortina de sangue na parede do fundo, sangue que não para de escorrer.

Alfredo off: Pais que por seus medos de uma sociedade preconceituosa com tal foram de dor,
Poucos segundos correm aos marginalizados pela tal, pais por que me abandonaram
Os anos que vivi foi dor, a mesma água que tocava meu rosto, me condenava.
Água que lava toda dor, não me deixe levar toda culpa, meus pais, culpa, também

[Marcos: Lave outra vez, ainda está imunda! Essas eram as palavras, não importava quantas vezes eu lavasse, para minha mãe minhas mãos sempre estavam sujas. Domingo, dia de igreja, lavei, lavei, quanto mais lavava minhas mãos mais necessidade de lavar e tirar toda a sujeira que não tinha, dor ardia, lágrima.

André: Transtorno obsessivo compulsivo, apenas 12 anos, sentia meu corpo todo sujo, meu rosto ardia, mas estava sujo, desespero de não poder me lavar. Dor. Esfreguei com uma escova várias vezes, quanto mais esfregava, ardia em lágrimas, esfregava dor, esfregava, sangue, surto, desmaiava. Cada dia mais num mundo sem volta. Isolado. Cada dia mais num mundo sem volta. Isolado.

Matheus: Afefobia. Desenvolveu aos 15 anos, música, violão, depressão, alucinação, violão em pedaços. Pessoas, muitas pessoas, desespero, repulsa ao toque dos outros. Medo paralisante, quando tocado, angústia, pânico, pais preocupados. Uso temporário de medicamentos para tentar amenizar a ansiedade, psicólogo nada, nada, nada, nada. Cada dia mais num mundo sem volta, isolado. Cada dia mais num mundo sem volta, isolado.

Cena2

Alfredo off: Tensão sem palavras para expressar o que a razão do mundo esconde.

Sou a dor dos que choram de barriga cheia por serem perfeitos.

Junto com a doença que me toma sem pedir licença.

Marcos: Fobia social, 18 anos, infeliz, sofrimento, tenho medo de conviver com pessoas. Sempre acho que vão-me fazer algum mal, assédio moral e sexual, horrível. Nunca parei em nenhum trabalho, tinha muitas crises, acabei desistindo de viver. Meus relacionamentos pessoais e profissionais horríveis, medo, pessoas, medo, constrangimento, medo humilhação, medo.

André: Esquizofrenia, 23 anos. Levou alguns anos para chegar à minha mente, semanas à retina e dias para romper

o silêncio dos meus ouvidos na infância ainda sutil. Na adolescência mexeu com minhas estruturas, mas foi na juventude que arrebatou todos os sentidos, numa doença mental sem volta. Cigarro, depressão, alucinações, bebida, vozes, sensações, perseguição, cérebro, suicídio, tentativa, complexo desconhecido, já estava num mundo sem volta, isolado, já estava num mundo sem volta, isolado

Cena3

Cadáver exposto no lado esquerdo do palco deixa à mostra suas entranhas, pedaços de seus órgãos ao chão. Causa impacto.

Matheus: Medo vai tomando conta

André: Nunca pensei

Matheus: Ele sempre pareceu ser tão quieto

André: Os quietos é que são os piores

Matheus: Você mesmo viu as portas

André: Muito bem trancadas

Matheus: Dutos de ventilação

André: Bem trancados

Em cena entram ratos que devoram partes do cadáver exposto. Adolescência nem sempre é fácil, sinto-me como ratos, andando à procura de comida, sociedade me devora por não ser um rato.

Matheus: Tenho medo da morte

Marcos: Não posso morrer

Matheus: Ele vai te matar

Marcos: Sinto meu corpo

Matheus: Arrepio espinha

Marcos: Coração, ritmo, descontrolado

Matheus: Suando frio

Marcos: Lágrimas nos olhos

Matheus: Adrenalina?

Marcos: Sim, medo dele

Matheus: Cama de Gato?

Marcos: Sinto-me manipulado

Matheus: Por quem?

Marcos: Ele era manipulado

Matheus: Por quem?

Marcos: Eu, você, ele

Cena4

Agora, em cena, jorra sangue puro no palco, personagens banhados em sangue.

O cadáver agora em pleno estado de decomposição.

Marcos: Sinto aqui ele.

André: E se for um ex-presidiário?

Marcos: Pode estar nos observando.

André: E se for um ex-presidiário?

Marcos: Pelas câmeras de segurança.

André: Não grite comigo.

Marcos: Aqui todos têm culpa.

André: Você o maltratava.

Marcos: Aqui todos têm culpa.

Cena de desespero, tensão sem palavras para expressar o que a razão do mundo esconde: Sou a dor dos que choram de barriga cheia por ser perfeitos, eu junto com a doença, que

me toma sem pedir licença.

André: Ele quer se vingar por tudo que

Matheus: fizemos muita

André: maldade, chamar de

Matheus: ladrão, é muito forte quando se é

André: inocente, é o oposto de

Matheus: você o julgou

André: culpado, você é tanto quanto

Mateus: eu só tenho

André: receio que esse seja o

Matheus: motivo de toda essa tensão

Matheus: Por que você está chorando?

Marcos: Lembrei há pouco.

Matheus: Lembrou o quê?

Marcos: Nos últimos dias o tratei mal.

Matheus: Isso, eu fiz.

Marcos: Quando cheguei não o vi.

Matheus: Será ele mesmo?

Marcos: Sinto que

Matheus: Não estamos sozinhos nesta sala

Marcos: Ele está aqui.

Matheus: Assassino.

Marcos: Acho que não

Matheus: Tem medo?

Marcos: De morrer

Matheus: Sim.

Marcos: Não.

Matheus: Não.

Marcos: Você?

Matheus: Sim.

Cena5

Música que, aos poucos, entra em cena, coração do cadáver exposto.

Alfredo off: Adolescência nem sempre é fácil
Sinto-me como ratos andando à procura de
comida
Sociedade me devora por não ser um rato
Imagino olhar de mãe
Imagino semblante de pai
Cadáver já passou por minutos de dor antes de
sua morte
E causou horas, dias e meses de angústia
a seus familiares agora.
“Aqui jaz alguém que outrora o mundo
esqueceu”

Alfredo: No fundo da cena surge um novo sete
Represa

Segura toda água

Água de destruição

Água de desespero... ..Recomeço

Muita água prestes a tomar toda a plateia num oceano
de lágrimas sem fim, um toque, um simples toque para
arrebentar...

Represa

Pedra

Retirada

Natureza

Toque

Desgraça...

Cena6

(Todos os personagens falam as palavras aleatoriamente, menos Alfredo que faz o desfecho do ato falando seu nome)



ALFREDO

Alfredo: Água da vida...

...Fim água da morte

Silêncio profundo...

...profundo oceano

Tudo

Tomado

Enfim

Ó o som

Da culpa

Sobre o chão

Água boia

No rio

Vermelho

Inocente

Cadáver

Contato com

Água

Muito

Tempo...

...Esquecido

Cena7

Marcos: Sinto a respiração.

André: Mas estou longe de você.

Marcos: A respiração dele.

Matheus: Você está aqui

André: Não grite, quieto!

Marcos: Vou gritar, sim.

Matheus: Quem é ele, um nada, eu tenho dinheiro.

André: Não grite, pense na sua família, na sua esposa.

Matheus: Não tenho medo da morte.

Marcos: Mas ele está certo, pense na sua família.

Matheus: Só que estou cansado, estamos há muito tempo trancados aqui nesta sala, não sei o que pensar, talvez minha própria família que colocou aqui, não sei mais o que pensar.

Alfredo: Por que... Quem são vocês? O que querem

comigo?

Doendo

Forte

Cortar

Pulsos...

...Vocês não gostam de mim.

Marcos: O espelho tem ferrugem, sozinho na podridão.

André: Você esta sozinho.

Alfredo: Não

Sinto minhas mãos.

André: Você não sente suas mãos porque eu as cortei

Alfredo: Por que? Valará a pena sofrer assim?

Matheus: Esqueça, rapaz, não tem mais nada a fazer, seu mundo ruiu.

Marcos: Por que se perturbas, rapaz? Desiste, agora, você não tem nada.

Alfredo: Por que...

Quem são vocês, querem minha vida

Corpo

Sangue

Umbilical

Sorte...

...Sinto como se vocês estivessem dentro da minha cabeça

Marcos: Você!

Alfredo: Dor, lança atravessando minhas entranhas, chega!

Matheus: Você!

Alfredo: Vocês apagaram a luz, não vejo nada, agora.

André: Você!

Alfredo: Eu pensei que todos vocês fossem meus amigos.

Matheus/Marcos/André: Não sou amigo...

...VOCÊ!

Cena8

André: Ameniza minha tristeza, aperta o coração, o sangue agora se mistura com as lágrimas de dor dos familiares daqueles que sentem essa sina na pele

Marcos: O fim sempre é a morte para quem sofre de dores profundas, dores de pais, dores de filhos, dores de estranhos por quem nunca vimos antes na vida, mas sempre choramos.

Matheus: Chore por mim, enquanto viver chore por mim, depois que morrer, não importa o dia, mas chore antes que veja meu corpo no palco da vida exposto.

Alfredo: inocência, realidade, frágil, psicose mais forte na neurose, perco-me em uma linha sem fim ao longo da jornada terrena, o cadáver pendurado na forca feita de cordão umbilical se revela em apenas psicose esquizofrênica.

Alfredo

Tremendo

Sobe

Banco

Força

Umbilical

Dor

Sufrimento

Desespero

Banco

Vira

Agonia

Falta

Ar

Reação

Luz

CRIANÇA

RECOMEÇO.



Eduardo Rafael Woginski nasceu em União da Vitória no dia 20 de agosto de 1990. Formou-se no Colégio Estadual São Cristóvão, onde descobriu o gosto pelas artes, teatro e musica, nesta mesma instituição desenvolveu seu primeiro trabalho artístico, montou sua primeira peça sendo um trabalho solo chamado “A vida e suas mascaras” que foi apresentada em escolas e instituições. Começou a trabalhar na Fundação de Cultura de União da Vitória desenvolveu grandes trabalhos juntamente com o grupo, tais como: “Olhos de amor”, “ O terno tanto faz como tanto fez” de Sylvia Plath, “O musical de Charles Inks” que foi lançado em monologo e depois transformado em musical. Atualmente dirige a companhia de teatro RV (Restaurando Vidas) os quais foram apresentas as peças: “ Aqui Jaz Freud “ , “vidas”, “ O encontro”, e a comedia “ 2 de novembro” apresentadas em eventos em outras cidades. Futuramente pretende seguir com as peças em trabalho missionário, levando o amor de Deus através do Teatro e a Musica, restaurando vidas através da Arte.

SESI PR - SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA
Departamento Regional do Paraná

PRESIDENTE DA FIEP E DIRETOR GERAL DO SESI PARANÁ
Edson Luiz Campagnolo

DIRETOR SUPERINTENDENTE DO SESI PARANÁ
José Antonio Fares

GERÊNCIA DE PROJETOS DE ARTICULAÇÃO ESTRATÉGICA
Maria Cristhina de Souza Rocha

GERÊNCIA DE CULTURA
Anna Paula Zetola
Janaina Coelho Adão | Juliano Axt

GERÊNCIA DE UNIDADE – SESI UNIÃO DA VITÓRIA
Ezimar Santos

PREFEITO MUNICIPAL DE UNIÃO DA VITÓRIA
Carlos Alberto Jung

DIRETOR PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA DE
UNIÃO DA VITÓRIA
Delbrai Augusto Sá

DIRETORA CULTURAL DA FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA DE
UNIÃO DA VITÓRIA
Fernanda Grabovski

PROJETO GRÁFICO | DIAGRAMAÇÃO E CAPA
Maria Cristina Pacheco dos Santos Lima

SESI
CULTURA

FIEP
SESI
SENAI
IEL

== **SESI** ==

